

*Discurso por ocasião do almoço com o
Comitê Empresarial Permanente do
Ministério das Relações Exteriores*

PALÁCIO DO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 28 DE JANEIRO DE 1997

Senhores Embaixadores; Senhores Empresários; Membros do Comitê Empresarial Permanente do Ministério das Relações Exteriores,

Os senhores sabem que político não perde a oportunidade de falar. No meu caso, é um pouco diferente. Ao vir para cá, me disseram que haveria um brinde. E eu digo: "Olha, a brindar isso aí eu já estou habituado." Na verdade, isso é quase que um hábito motivado por mim mesmo, porque, sempre que tenho oportunidade de saudar os amigos, o faço com muita satisfação, com muita alegria.

E hoje é um momento muito especial para mim, porque, me recordava há pouco o Embaixador e Ministro Lampreia, nós organizamos esse comitê em dezembro de 92. Essa é a 25ª reunião e o comitê, hoje, é um comitê permanente. De modo que eu fico muito satisfeito de ver que aquela semente lançada em 92 vingou, prosperou e, com a direção do Itamaraty nas mãos do Luiz Felipe, ganhou um impulso imenso.

Os senhores sabem do nosso empenho em estarmos sempre trocando informações, nos informando, para que nós possamos atualizar as nossas posições de governo, e que, no mundo contemporâneo, se não

houver essa porosidade da parte do governo, o governo fica inerte. Porque, na verdade, as forças que dinamizam a sociedade são muito mais do setor empresarial, do setor privado, do que do setor público.

Daí a razão deste conselho e o empenho que eu tenho tido em outros departamentos do Governo – nem sempre com o mesmo êxito como o que temos tido aqui, no Itamaraty –, de absorver as correntes renovadoras que há no Brasil e que precisam estar, permanentemente, em contato com o governo, para que o governo possa bem desempenhar seus papéis.

E, mais ainda, os senhores sabem também que eu não digo isso apenas no que se refere aos empresários. Quando fui Ministro das Relações Exteriores, introduzi aqui, no Itamaraty, a presença de líderes trabalhadores em reuniões no Itamaraty, assim como – o que, naquela altura, não era ainda, como hoje, normal – as ONGs, que, naturalmente, são criadas para dar dor de cabeça. Mas é melhor que dêem dor de cabeça aqui dentro do que lá fora. Até porque a nossa cabeça precisa doer, às vezes, para que nós possamos sentir, realmente, quais são os problemas que afligem a sociedade. E essas organizações, muitas vezes de uma maneira não habituada, ainda, aos canais burocráticos e políticos, expressam uma parte importante da sociedade brasileira.

De modo que, por todas essas razões, eu vim e quero felicitá-los. Vou levantar um brinde de agradecimento ao Ministro Lampreia, pelo modo extraordinário e pela competência como vem conduzindo a política externa – ao mencionar o Ministro, naturalmente, estou invocando o conjunto do Itamaraty –, aos senhores, que têm colaborado tanto e, quem sabe, um brinde para que tenhamos muita sorte, hoje.